



POLIAMOR: UMA (R)EVOLUÇÃO DO AMOR?

Ana Karolyne Florencio Amorim (1)

Francicléia Lopes Silva (1)

Thais Wanderley Mendes (2)

Bruna Drielle Nogueira Silva Oliveira (3)

Marcelo Xavier de Oliveira (4)

Faculdades Integradas de Patos – karollyne_amorim@hotmail.com

RESUMO: Analisando o amor por uma perspectiva sócio-histórica, pode-se perceber que não se trata de um sentimento alheio às transformações históricas e sociais. Dessa forma, surgem novas maneiras de se relacionar, não estando as relações cristalizadas. Uma dessas maneiras corresponde ao Poliamor, prática amorosa que se constitui pela vivência de relações íntimas e amorosas com mais de uma pessoa simultaneamente. Para compreender a percepção das pessoas diante do mesmo, a pesquisa utilizou-se do grupo focal para discutir o tema. Em seguida, foi feita a Análise de Conteúdo de Bardin da transcrição das discussões. Foi percebido que os participantes compreendem o Poliamor como uma evolução do amor, mesmo que não se vejam nesse tipo de relação. Contudo, ainda existem dúvidas em relação à vivência poliamorosa.

Palavras-chaves: sexualidade, amor, poliamor, percepção.

INTRODUÇÃO

O amor, na maioria das vezes, é pensado como se fosse uma emoção sem memória e sem história. Somos tão condicionados a vivê-lo que é comum nos referirmos a ele como se nunca mudasse (LINS, 2014). Entretanto, Giddens (1992) nos afirma que as “possibilidades radicalizadoras da transformação da intimidade são bastante reais” (p. 11).

Dentre as possibilidades de transformação da intimidade surgem novas configurações na forma de se relacionar. Embora a monogamia ainda seja comum, não

é a única opção para quando se quer construir um vínculo com uma pessoa. Ou mais de uma: é o que o Poliamor, uma das alternativas, oferece.

Existem inúmeras definições sobre o Poliamor. De modo geral, podemos sintetizá-lo como sendo a suposição de que é possível manter relações íntimas e amorosas com mais de uma pessoa simultaneamente (HARITAWORN, 2006 APUD CARDOSO, 2010).

Entretanto, para pensar o Poliamor, é necessário observar os afetos e sentimentos como suscetíveis a construções históricas e



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sociais. Partindo dessa ótica, percebemos que os indivíduos não são isolados e constroem seus sentidos a partir da relação com os outros. Logo, o amor, como outros sentimentos, seriam resultados dessas interações sociais e não surgindo anteriormente aos indivíduos (PILÃO, 2013).

É interessante notar que anteriormente ao Poliamor, formas de se relacionar eram (e ainda são) ditadas pela sociedade. Traçando uma breve linha do tempo temos o amor cortês como o princípio das relações pessoais como conhecemos hoje, caracterizado por honrar a mulher em uma época onde o casamento não deveria haver estima, apenas um contrato sem considerações pessoais. (LINS, 2014). Em seguida, podemos perceber se inserindo na História, o amor romântico com elementos do amor apaixonado (GIDDENS, 1992), configurando o que entendemos comumente hoje sobre o amor: idealizado e com traços de paixão. O que entendemos comumente, por que ainda há uma ênfase no amor romântico através de filmes, novelas, músicas e livros a fim de caracterizá-lo como a forma de amor que deve ser adotada, mesmo que de forma inconsciente (LINS, 2014).

Toda essa mudança na forma de nos relacionarmos fornecida pela história nos ajuda a compreender como o Poliamor começou a se desenhar como uma opção a

mais para se viver a intimidade, o afeto e o amor.

O Poliamor como prática propriamente dita é recente, tendo ganhado mais visibilidade nos EUA na década de 1990. No Brasil, estas relações tornaram-se mais visíveis na última década. Caracterizado pela percepção de que é possível amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo e estabelecer uma relação com todos consensualmente, o poliamor entra em choque com as configurações de relacionamento consideradas monogâmicas. Entretanto, o poliamor não é o inverso da monogamia, ou seja, não se configura como poligamia, já que nesta é pressuposta a assimetria de gênero, enquanto no poliamor existe a possibilidade de ambos os gêneros desenvolverem relações com mais de uma pessoa. O poliamor também se diferencia do swing e do relacionamento aberto, visto que ambos não abarcam a ideia de relações simultâneas. Além disso, percebe-se que o poliamor visa um distanciamento do caráter apenas sexual das relações, enfatizando a afetividade como base das relações poliamoristas. (PILÃO E GOLDENBERG, 2012). Há ainda quem situe o Poliamor como prática política já que viria a ser um questionamento dos estereótipos de gênero (CRISTOBAL E LÓPEZ, 2015) e da monogamia como reforçadora do machismo, do patriarcado e do capitalismo. Porém, há



também os adeptos que visam apenas solucionar problemas práticos das relações (PILÃO E GOLDENBERG, 2012).

Quem escolhe viver o Poliamor acredita na possibilidade de se construírem relações mais livres e honestas, as quais não precisem se dissipar quando seu parceiro inicial passe a amar outra pessoa. Também se acredita que o poliamor é igualitário na medida em que todos os envolvidos, independente de gênero possam desenvolver vínculos com outras pessoas, fugindo do “machismo” da monogamia e do swing (PILÃO E GOLDENBERG, 2012).

De acordo com Lins (2014) algumas das principais crenças dos adeptos ao poliamor correspondem a visão de que o amor é um recurso infinito e caracterizado como incondicional, além de acreditarem em um investimento emocional de longo prazo em relacionamentos já que estes seguem a dinâmica de se manter por não precisarem se romper devido à traições ou ciúme. No Poliamor, o ciúme pode ser substituído pela compersion (ainda sem tradução para o português) que seria um contentamento e aceitação advindo do conhecimento de que a pessoa que você ama é amada por mais alguém.

Freire (2013), realizou uma pesquisa de levantamento por meio de uma entrevista semi-estruturada e analisada pelo ALCESTE,

que visava a construção de uma Escala de Atitudes Frente ao Poliamor. Participaram da pesquisa 207 estudantes universitários e foi observado que a percepção em relação ao Poliamor encontra-se dividida entre aqueles que acham possível amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo, como também aceitável sentir prazer ao ver o parceiro com outra pessoa, entretanto há quem acredite que possa ser doloroso ver seu parceiro envolvido com outra pessoa. Alguns participantes acreditam ser possível se sentir feliz vendo seu parceiro ser feliz com outra pessoa, embora isso seja difícil em relação ao ciúme.

Diante do exposto, este estudo teve como objetivo analisar a percepção de adultos jovens acerca do poliamor com a principal inquietação de analisar o caráter histórico e social das construções dos afetos. Esta pesquisa justifica-se por se de interesse dos pesquisadores bem como pela ausência de estudos a respeito da percepção de não-praticantes do Poliamor sobre o mesmo.

METODOLOGIA

A presente pesquisa trata-se de um estudo de campo, descritivo, de levantamento e de abordagem qualitativa. Participaram do estudo cinco pessoas com idades entre 20 a 23 anos, estudantes de Psicologia. O local da pesquisa foi em uma Instituição de Ensino Superior. Foram expostos cartazes expondo a



temática e o convite para um grupo focal no mural do curso de Psicologia de uma Instituição de Ensino Superior convidando os alunos para participarem da discussão sobre formas de se relacionar, sendo assim, a amostra caracterizada como acidental. No primeiro encontro compareceram cinco pessoas que foram as mesmas que continuaram a discussão no encontro seguinte. Desde a primeira discussão foram explicitados aos participantes os objetivos da pesquisa e foi solicitado que assinassem um Termo de Autorização de Gravação de Voz para que os aspectos éticos do estudo não fossem comprometidos.

A coleta de dados foi realizada através do grupo focal que se caracteriza pela interação grupal para problematizar um tema específico. Os encontros possibilitam aos envolvidos refletirem sobre um fenômeno social, gerando suas próprias perguntas e buscando respostas em relação à temática discutida (BACKES, COLOMÉ, ERDMANN E LUNARDI, 2011). Foram realizados dois encontros, nos quais no primeiro foram discutidas as relações na contemporaneidade e suas transformações históricas, incluindo o poliamor e no segundo foi discutido o poliamor propriamente dito. As falas foram gravadas por meio de um gravador de voz. Após os encontros, os áudios foram transcritos e analisados de acordo com a

Análise Conteúdo de Bardin (1977), que enquanto método torna-se um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (p.34). Foi dada a preferência para a análise de trechos referentes ao Poliamor propriamente dito.

Resultados e Discussão

Todos os participantes da discussão não praticam o Poliamor. Entretanto, foi observado que os mesmos o veem como uma evolução dos relacionamentos:

“Eu acho assim, que existir relacionamento de Poliamor é uma evolução indescritível porque isso influencia na questão até da família, na desconstrução familiar. Será que daqui a alguns anos vai existir a família? Será que daqui a alguns anos vai existir o papel de mãe, o papel de pai ou o papel de filho? Essas relações de três pessoas já é uma evolução indescritível.”
(Nina.

“Hoje em dia eu vejo como uma revolução que surge pra quebrar barreiras, paradigmas que vem sendo construídos historicamente, diante da igreja, da sociedade, as revoluções estão surgindo justamente pra quebrar essas coisas que estão cristalizadas aí durante muito tempo. Quem gosta e é adepta que vá e se afete.



Quem não, deixa o povo que se afeta se afetar, eu vejo dessa forma. Mas é uma revolução que surge aí pra quebrar.”(Angela)

Essa visão de que o Poliamor é uma evolução, talvez seja resultado das características dos participantes da pesquisa: universitários, adultos jovens e estudantes de Psicologia, tendo em vista que possivelmente essa não seria a percepção de outro tipo de amostra, já que o modelo de relacionamento comum ainda é o monogâmico.

Contudo, mesmo com essa percepção de que esse tipo de relacionamento seja uma evolução alguns reconhecem que não vivenciaríamos o Poliamor, pois se percebem possessivos nos relacionamentos:

“Por exemplo, eu não penso em um Poliamor pra mim por que eu sou muito individualista, eu sou muito egoísta também e eu não consigo ver um relacionamento poligâmico ou poliamor pra mim, eu não consigo porque eu sou muito egoísta.” (Nina)

“Eu compreendo os variados tipos de relacionamentos e relacionamento com mais de duas pessoas, pra mim também não daria certo porque eu sou muito possessivo.” (Rafael)

É fato que a possessividade geralmente ligada ao ciúme são sentimentos questionados pelo Poliamor, tendo em vista que aceitar que seu(s) parceiro(s) amem outras pessoas requer

uma dissolução dos mesmos (PILÃO E GOLDENBERG, 2012)

Em relação às pessoas que vivenciam o Poliamor, os participantes do grupo compreendem que se há um consentimento entre todos é aceitável viver um relacionamento assim:

“Se houver uma questão de todas as pessoas envolvidas entenderem que isso pode acontecer que ninguém tá errado, que não é pecado, ‘ah, que isso é errado, porque a sociedade diz que mulher tem que ficar só com um homem ou que os dois tem que ficar só os dois’, não, se houver o entendimento entre todos, que isso pode acontecer que é uma coisa verdadeira, que é um sentimento. Se tiver aquele sentimento verdadeiro de estar com a outra e com o outro você n é obrigado a passar a vida só com uma pessoa, você vai sentir atração por outras pessoas.” (Lucas)

“Eu acho que se existe esse amor entre as três pessoas, as quatro, as cinco, as seis eu acho que deve ser mantido, eu sou totalmente aberta à liberdade de todas as formas possíveis”. (Simone)

Esse discurso corrobora com o encontrado na pesquisa de Freire (2013), na qual as pessoas entendiam como aceitável a prática poliamorosa se houver o consenso entre todos os envolvidos.



Quando se perguntou sobre como seria o amor no Poliamor, os participantes acreditam que é como qualquer outro amor, porém mais livre e mais maduro:

“Acho que seria igual a qualquer outro amor, só que um amor mais liberto de poder, direcionado não só a uma pessoa que nem o amor romântico diz, mas o amor, que acredito, até mais sincero né? Mais maduro também”(Nina)

“Precisa uma maturação muito grande pra você conseguir encarar isso e é um amor livre das amarras mesmo, livre das construções e das idealizações daquela coisa que você traz consigo desde pequeno de encontrar a pessoa perfeita, ficar velhinho junto, não. É aquela coisa que, ‘estou sentindo agora, vou realizar isso’.”(Rafael)

Os participantes percebem o Poliamor como uma desconstrução do amor romântico e problematizam alguns aspectos do mesmo:

“Eu acredito assim, que o poliamor é justamente a desconstrução do amor romântico de que só existe uma pessoa que é a metade da laranja.” (Nina)

“O amor romântico vem com uma concepção bem fantasiosa do que é amor, porquê o amor não só tem características positivas não, tem negativas e essas características negativas muitas vezes se sobressaem às positivas. Amar não é só um estado de felicidade constante com o outro,

não, é você passar por momentos difíceis naquela relação.”(Simone)

O fato de o Poliamor ser contrário à monogamia é relacionado ao seu aspecto mais político, quando este questiona os valores monogâmicos para construir vínculos mais livres (PILÃO E GOLDENBERG, 2012). Em relação ao Poliamor como ato político, foi perguntado aos participantes suas percepções sobre isso. Foi respondido que o Poliamor vem a ser de fato uma revolução e uma ruptura do que sempre se acreditou que fosse o amor:

“Acho que esse lance político seria mais um aspecto revolucionário, um amor como algo revolucionário, porque a gente quebra os constructos e ideias do que é amor, do que sempre foi amor, pra uma percepção do que pode ser.” (Simone)

Nota-se também que o Poliamor é compreendido como uma quebra na questão da identificação com uma pessoa só para estabelecer um relacionamento. Essa visão sobre identificação é advinda do amor romântico, que, para existir, precisa de uma identificação projetiva, processo pelo qual os parceiros tornam-se atraídos e unem-se (GIDDENS, 1992). Isso pode ser expresso na fala de Nina:

“Você procura você mesmo no outro então se a gente partir dessa percepção dessa ideologia como seria esse poliamor de você



se encontrar em duas pessoas, em quatro pessoas, em três pessoas? A gente pode até desconstruir essa questão da identificação com o outro, será que é realmente a si mesmo que você procura no outro?”(Nina)

Entretanto, é notável que ainda existem muitas dúvidas em relação à esse tipo de formação de vínculo. Os participantes não sabem como se dá o início da prática poliamorosa:

“Eu acredito assim, no início dessa relação do poliamor, como é o início? Por exemplo, posso tá aqui ficando com B e eu, do nada, me apaixono por S. Eu não sei se B tá apaixonada por S também, entendeu? Aquela questão da traição, como seria isso, dessa relação, do poliamor? Será que iniciaria os três juntos ou um casal?”(Nina)

CONCLUSÃO

Foi observado que os participantes percebem o Poliamor como uma revolução ou evolução do amor, como um questionamento do amor romântico e sendo um amor mais livre e maduro. Contudo, a grande parte não se encaixa nesse tipo de relação por acreditarem terem ciúmes de seus parceiros, sendo isso um obstáculo para a relação poliamorosa.

Existe uma concordância que para se ter uma relação com mais de uma pessoa simultaneamente é necessário que todos os envolvidos consentam. Entretanto, embora os

participantes entendessem algumas características do Poliamor, algumas dúvidas foram expressas sobre como se dá o início da relação. Isso pode ser entendido pelo fato de que é um tema relativamente novo e pouco discutido.

Acredita-se que os participantes da pesquisa sabem algo sobre o Poliamor, devido ao contexto que vivem o qual proporciona mais acesso à esse tipo de informação. Porém, mais pesquisas com amostras em contextos diferentes, fora do universitário, fazem-se necessárias para que as visões sejam comparadas.

Ressalta-se que, pelo tamanho da amostra e por existir pouca literatura sobre a percepção de não-praticantes do Poliamor sobre o mesmo, a pesquisa não oferece boas bases de generalização fazendo-se necessários novos estudos sobre o tema. São encontrados mais estudos com praticantes do Poliamor, o que dificulta a comparação entre estudos sobre a percepção de não-poliamoristas.

Em suma, o Poliamor é resultado de mudanças e questionamentos sobre o que é amor e formas de se relacionar, o que aponta para o fato de que os sentimentos e afetos mudam no decorrer da História. Da mesma forma que o Poliamor surgiu, nos próximos anos outras modalidades de relacionamento podem aparecer, oferecendo, talvez, melhores vivências do que será chamado de amor.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACKES, D.S.; COLOMÉ, J.S; ERDMANN, R.H; LUNARDI, V.L. **Grupo focal como técnica de análise de dados em pesquisas qualitativas.** O Mundo da Saúde v. 35, n. 4, p. 438-442, 2011.

BARDIN, L. (1977). **Análise de Conteúdo.** Tradução por Luís Antero e Augusto Pinheiro. São Paulo: Martins Fontes. 1977.

CARDOSO, D.S. **Amando Vári@S – Individualização, Redes, Ética e Poliamor.** 2010. 92 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova Lisboa. 2010.

CRISTOBAL, L.G; LÓPEZ, S.O. **Poliamor en la vida cotidiana. Construcción ideológica y subjetividad.** Memoria del Coloquio de Investigación en Género desde el Ipn, v. 1, n. 1, p. 373 -393, 2015.

FREIRE, S.A. **Poliamor, uma forma não exclusiva de amar: correlatos**

valorativos e afetivos. 2013. 258 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2013.

GIDDENS, A. (1992). **A transformação da intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993. 229 p.

LINS, R. N. (1948). **A cama na varanda: Arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo.** 9ª edição rev. Rio de Janeiro: Best Seller, 2014. 479 p.

PILÃO, A. C. **Reflexões sócio-antropológicas sobre Poliamor e amor romântico.** RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 12, n. 35, p. 505-524, 2013.

PILÃO, A.C; GOLDENBERG, M. **Poliamor e Monogamia: construindo diferenças e hierarquias.** Revista Ártemis, v. 3, p. 62-71, 2012.